

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **Tipologia textual e o ensino da produção de textos**. In: XI Encontro Nacional de Professores de Português, 1996, Natal. Anais do XI Encontro Nacional de Professores de Português. Natal : Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, 1996. p. 103-117.

TIPOLOGIA TEXTUAL E O ENSINO DA PRODUÇÃO DE TEXTO³⁸

Luiz Carlos Travaglia³⁹
Universidade Federal de Uberlândia

1) Do trabalho na escola com a tipologia textual

Nosso objetivo é falar da relação entre a questão tipológica, dos tipos de texto e as atividades de ensino de produção de textos. Que descobertas e propostas dos estudos de tipologia textual podem nos auxiliar no ensino de produção de textos. Portanto vamos falar de bases para o trabalho e não de técnicas de ensino. Para isto queremos começar explicitando alguns pontos que julgamos fundamentais:

1) uma vez que os alunos chegam até nós sabendo já falar a Língua Portuguesa, gostaria de propor que o objetivo fundamental do ensino de Língua Portuguesa como língua materna é o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, entendendo por isto desenvolver a capacidade do aluno de usar cada vez um maior número de recursos da língua de maneira adequada à produção de efeitos de sentido pretendidos em uma situação específica de interação comunicativa;

2) sabemos que a comunicação se faz por meio de textos e não de palavras ou frases, assim se queremos desenvolver a competência comunicativa, temos de desenvolver na verdade a capacidade de produção e compreensão de textos;

3) como os textos têm uma dimensão de adequação às diferentes situações sociais de interação comunicativa e estas situações

38- Este trabalho constitui o texto básico da conferência apresentada durante o XI Encontro Nacional de Professores de Português das ETF'S. Por razões de limitação de espaço para publicação, alguns pontos foram resumidos e não colocamos os exemplos apresentados durante a conferência.

39- Professor Titular de Lingüística e Língua Portuguesa do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Letras pela PUC-RJ e Doutor em Lingüística pela UNICAMP.

são de diferentes tipos, resulta que ocorrem diferentes tipos de textos em função dos diferentes tipos de situação de interação. Isto quer dizer que cada tipo de texto instaura uma forma de interação, um modo de relação entre os interlocutores. Portanto o próprio dizer é tipificante e não podemos fugir a isto. Daí a importância da tipologia para o ensino de língua.

Estes aspectos deixam claro um ponto que não se pode esquecer no ensino de língua: se queremos realmente desenvolver a competência comunicativa de nossos alunos temos de abrir a escola para os diferentes tipos de textos, caso contrário estaremos instrumentalizando nossos alunos para atuar comunicativamente em alguns tipos de situação e não em outros. Temos portanto de decidir com que tipos de textos vamos trabalhar em sala de aula, a quais vamos dar maior atenção, com quais vamos trabalhar mais e menos detidamente.

Os estudos sobre tipologia textual apresentam uma infinidade de tipologias criadas e propostas para diferentes fins de análise e de uso prático. Na verdade pode-se sempre propor tipologias em função de um objetivo de análise e/ou trabalho e da natureza do material que temos. Para criar uma tipologia é necessário usar um critério ou alguns critérios conjugados. Assim podemos tomar o critério da dimensão e ter, por exemplo, textos de até cem palavras e textos de mais de cem palavras. Distinção que pode ser útil para algum tipo de trabalho. Outros critérios correntes nos dão tipos diversos. Vejamos alguns critérios já utilizados e as tipologias resultantes:

a) referência à existência de instituições: textos políticos, jurídicos, religiosos, científicos, jornalísticos, etc.;

b) domínios do saber: textos médicos, filosóficos, lingüísticos, históricos, etc.

c) o objetivo de ensinar: textos didáticos e não-didáticos;

d) funções da linguagem: textos poéticos, referenciais, conativos, fáticos, metalingüísticos, emotivos;

e) a dimensão estética: textos literários e não literários;

f) verificabilidade: textos factuais e ficcionais;

g) o arranjo dos elementos lingüísticos: textos em prosa e em verso.

h) etc.

Ainda se observam os seguintes fatos com relação à tipologia de textos:

a) além dos tipos temos subtipos. Assim entre as narrativas temos: romances, novelas, contos, crônicas, fábulas, apólogos, parábolas, piadas, casos, reportagens, etc. Estes subtipos por sua vez podem ter subtipos, é o que se observa quando falamos em romances ou contos históricos, policiais, fantásticos, eróticos, de ficção científica, regionalistas, etc.;

b) as diferentes tipologias se cruzam. Exemplos: narrativo literário (em verso __ epopéia, poema heróico, etc. __ ou em prosa __ romances, novelas, contos, crônicas, fábulas, apólogos) ou não-literário, em prosa científico, em prosa jornalístico, etc.

c) os tipos se conjugam em um mesmo texto, ou seja, dificilmente temos tipos puros. Na verdade um texto se define como de um tipo por uma questão de dominância, em função do tipo de interlocução que se pretende estabelecer e que se estabelece e não do espaço ocupado por um determinado tipo ou subtipo textual na constituição desse texto. Assim podemos observar, por exemplo, que com frequência, contos de Clarice Lispector, que são narrativos, têm a grande parte de seu espaço textual ocupado por dissertação, mas se classificam como narrativos devido a sua tendência dominante para um dado tipo de interlocução;

d) podemos ter intercâmbio de tipos isto é um tipo ser usado no lugar de outro tipo, para criar determinados efeitos de sentido que não são possíveis com outro dado tipo. Encontramos, por exemplo, descrições e comentários dissertativos feitos por meio de narração.

Face a esta infinidade de tipos com quais devemos trabalhar em sala de aula? Esta escolha pode ser feita levando em conta uma série de fatores, mas dois deles me parecem fundamentais se queremos preparar os alunos para a vida:

a) trabalhar com tipos que sejam fundamentais para a composição de quaisquer outros textos, isto é, tipos que entrem na constituição, se não de todos, da maioria dos outros tipos de textos;

b) a utilização que o aluno terá que fazer de cada tipo em sua vida, de um modo geral, o que reforça o primeiro fator de escolha.

Com base neste critério e na experiência como professor, parece-me fundamental trabalhar na produção de textos⁴⁰ com os tipos das três tipologias abaixo, porque eles são essenciais para a constituição da maioria dos demais tipos de textos, o que talvez explique o fato de estas tipologias (muitas vezes amalgamadas em uma só) serem, com frequência, tratadas até como uma tipologia escolar de textos. Essas três tipologias são:

1) a) descrição;

b) dissertação;

c) injunção : ordens; pedidos; súplica; desejo (textos optativos); manuais e instruções para montagem e/ou uso de aparelhos, instrumentos e utensílios; textos com regras de comportamento ou procedimento em situações diversas ou textos de orientação (como recomendações de trânsito e de direção); horóscopos; receitas; cartões com votos e desejos (de natal, núpcias, aniversário, etc.);

d) narração (casos, histórias, contos, crônicas, novelas, fábulas, apólogos, romances, reportagens, piadas, etc.)

2) discurso da transformação e discurso da cumplicidade (textos argumentativos "strico sensu" e textos não argumentativos "stricto sensu");

3) preditivos (previsões e programas) e não preditivos;

Além desses tipos básicos ainda nos parece conveniente trabalhar outros tipos tais como os especificados de 4 a 10 selecionadas pela sua frequência de utilização na vida de nossa sociedade:

4) textos oficiais: ata, declaração, atestado, requerimento, relatório;

5) textos de correspondência: carta, telegrama, ofício, memorando, avisos, comunicados;

6) textos jurídicos: contratos;

7) textos de natureza pragmática: receitas, comunicados, instruções, formulários;

8) outros: propaganda, anúncio, reportagem, cartaz, discurso, exposições orais de diversas naturezas (religiosa, política, filosófica, etc.), entrevista, debate;

⁴⁰- Na compreensão de textos o número de tipos com que podemos e ou devemos trabalhar se amplia bastante tendo em vista que a recepção de textos se faz num espectro muito mais amplo do que o da produção.

9) textos orais e escritos de todos os tipos acima que ocorram nas duas modalidades da língua;

10) textos literários e não literários. __ Não é um objetivo fundamental do nosso trabalho como professor de Português criar literatos, mas, sem dúvida, podemos desenvolver atividades cujo objetivo seja o de possibilitar a produção de textos com uma dimensão estética que caracteriza o literário.

2) Da caracterização dos tipos

Cada tipo de texto se distingue dos demais por uma correlação entre marcas e propriedades, mas um tipo não se caracteriza apenas por traços formais no texto, pois um traço ou marca raramente é exclusivo de um tipo de texto ou discurso. Assim para caracterizar um discurso e/ou um texto é preciso levantar marcas e correlacioná-las a(s) determinada(s) propriedade(s), mostrando como funciona na interlocução, na interação.

No trabalho de ensino/aprendizagem de produção de textos é importante mostrar para o aluno as características formais e de funcionamento de cada tipo de texto, pois é no contato constante com cada tipo que nasce a familiaridade com o mesmo e a capacidade de produzi-lo, tanto isto é verdade que os alunos, como as pessoas em geral, são capazes de distinguir tipos com uso freqüente e marcado na sociedade e são capazes de caracterizar esses tipos, mesmo que não se trate com elas explicitamente dessas questões⁴¹. Assim deve-se sempre procurar a produção de textos orais e escritos dos diferentes tipos de texto, observando a utilização adequada dos elementos próprios a cada tipo, tanto a nível dos recursos lingüísticos (traços e marcas formais) quanto a nível da estrutura (superestrutura) específica de cada tipo.

Assim sendo, penso que seria pertinente vermos aqui algumas características básicas pelo menos dos tipos constituintes das três tipologias que propusemos anteriormente como fundamentais em termos da composição da maioria dos tipos de textos.

Em um tipo textual é preciso ver com clareza a relação estreita entre o modo de enunciação e os recursos lingüísticos empregados, uma

41- Como evidenciou o estudo de SILVA-1995.

vez que a tipologia se estabelece com base nas marcas lingüísticas e no modo de enunciação que dá a(s) propriedade(s) a que nos referimos anteriormente.

Segundo KOCH e FÁVERO (1987:5) três dimensões interdependentes seriam básicas na comparação/diferenciação de textos:

"a) *dimensão pragmática*, que diz respeito aos macroatos de fala que o texto realiza e aos diversos modos de atualização em situações comunicativas;

b) *dimensão esquemática global*, ou seja, os modelos cognitivos ou esquemas formais, culturalmente adquiridos, as chamadas "superestruturas";

c) *dimensão lingüística de superfície*, isto é, as marcas (sintático/semânticas) encontradas no texto que facilitam ao alocutário o esforço de compreensão, permitindo-lhe formular, a partir delas, hipóteses sobre o tipo de texto." Nesta última dimensão eu acrescentaria as marcas morfológicas e fonético-fonológicas e de outros planos da língua.

Vamos aqui caracterizar os tipos das três tipologias fundamentais, tal como o fizemos em TRAVAGLIA (1991), acrescentando algumas propostas de outros estudiosos da questão. Tal caracterização é feita por meio dos modos de enunciação, correlacionados às marcas ou traços lingüísticos e por meio das superestruturas⁴².

3) Primeira tipologia: descrição, dissertação, injunção e narração

Na primeira tipologia (descrição, dissertação, injunção e narração), no que diz respeito ao **modo ou forma de interação**, temos em relação ao referente, ao objeto do dizer, ao assunto, para cada tipo um **modo de enunciação** dado pela perspectiva em que o enunciador/locutor se coloca, considerando-se o processo de enunciação

⁴²- Na conferência as superestruturas da descrição, dissertação, narração, injunção e argumentação foram apresentadas com seus esquemas e características básicas. Neste texto, por limitação de espaço para publicação, deixamos de registrar tais superestruturas. Pela mesma razão as demais características são apresentadas sucintamente.

como "uma atualização temporal e espacial do locutor em seu discurso"⁴³:

- a) na descrição, enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer;
- b) na narração, enunciador na perspectiva do tempo;
- c) na dissertação, enunciador na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço;
- d) na injunção, enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação.

Cada modo de enunciação estabelece um **objetivo da enunciação**, uma atitude do enunciador em relação ao objeto do dizer:

- a) na descrição, o que se quer é caracterizar, dizer como é;
- b) na narração, o que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos estes como os episódios, os casos, a ação em sua ocorrência;
- c) na dissertação, busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações;
- d) na injunção, diz-se a ação requerida, desejada, diz-se o que e/ou como fazer; incita-se à realização de uma situação⁴⁴.

Com isso cada tipo instaura o **interlocutor** de uma forma:

- a) a descrição como o "voyeur" do espetáculo;
- b) a narração como o assistente, o espectador não participante;
- c) a dissertação como ser pensante, que raciocina;
- d) a injunção como aquele que realiza aquilo que se requer, ou se determina que seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça.

No que diz respeito ao **tempo referencial** (o tempo da ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica) temos:

- a) descrição e narração: simultaneidade das situações;
- b) narração: não simultaneidade das situações, portanto sucessão;
- c) injunção: indiferença à simultaneidade ou não das situações;

⁴³- Ver ORLANDI (1988: 47).

⁴⁴- Por situação entendemos todos os tipos de processos indicados pelo verbo ou não: ações, fatos, fenômenos, estados, eventos, etc.

Em relação ao tempo da enunciação (o momento da produção/recepção do texto, que pode ou não coincidir com o referencial) observa-se que: 1) na injunção o tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação; 2) na descrição, narração e dissertação pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior, o que dá respectivamente descrições, narrações e dissertações passadas, presentes ou futuras (que são consideradas com frequência subtipos). Apesar dessas três possibilidades observa-se que é mais comum termos⁴⁵:

a) a narração passada (tempo da enunciação posterior ao referencial) (pret. perf. e mais-que-perf. do ind.), menos frequentemente a narração presente (pres. do ind.) e raramente a narração futura. A narração se caracteriza sempre pelo aspecto perfectivo⁴⁶ e pela modalidade de certeza. Predominam os verbos de ação e as relações temporais, marcadas por conectores e partículas indicadores de tempo anterior, simultâneo ou posterior;

b) a descrição passada (pret. imp. do ind.) e presente (pres. do ind.) e mais raramente a descrição futura. A descrição se caracteriza sempre pelo aspecto imperfectivo e pela modalidade de certeza. Predominam os verbos de estado, as constantes (ter, possuir, etc.) e os localizadores (ficar, situar-se, estar, etc.) na descrição estática e os verbos de ação na descrição dinâmica. As relações mais frequentes são as de junção (adição) e de comparação e os conectores e recursos que as marcam ou a justaposição. No caso da comparação usam-se também recursos como o simile e metáfora. São frequentes as frases nominais

c) a dissertação presente (pres. do ind.) e raramente a dissertação passada (pret. perf. do ind.) e futura. A dissertação se caracteriza sempre pelos aspectos imperfectivo e indeterminado (indicador de duração ilimitada), pela marcação de uma onitemporalidade e predominantemente pelas modalidades de certeza, possibilidade, necessidade. São mais comuns as relações de causa/consequência (em suas múltiplas expressões: causa, explicação, consequência, conclusão, meio, fim, condição), de comparação, de

45- Toda a caracterização que se faz a seguir é extremamente sumária e objetiva a mostrar apenas alguns aspectos formais básicos.

46- Sobre aspecto veja TRAVAGLIA-1981.

conformidade, oposição ou contração (adversativas, concessivas), de alternância e os recursos próprios a sua expressão. São freqüentes os modalizadores de opinião (achar, pensar, etc.)

As descrições, narrações e dissertações futuras são textos preditivos e que geralmente são raros em nossa sociedade.

Observa-se também que:

a) a narração e a injunção são essencialmente discursos do fazer (ações) e do acontecer (fatos e fenômenos);

b) a descrição e a dissertação não são essencialmente discursos do fazer e do acontecer e, embora possam conter ações, fatos, fenômenos, estes não as caracterizam, podendo ser apenas o que deve ser caracterizado (descrição) ou conhecido (dissertação). Assim a **descrição** é essencialmente o discurso do ser e do estar, e a **dissertação** é essencialmente o discurso do ser.

Esses tipos podem ter subtipos nos quais não vamos nos deter aqui, contudo convém lembrar que além dos subtipos vistos em função da coincidência ou não entre tempo da enunciação e referencial temos outras distinções como:

a) as narrações podem ser histórias (romances, contos, novelas, crônicas, fábulas, apólogos, contos de fadas, piadas, etc.) e não-histórias;

b) as dissertações só se distinguem em subtipos pelo cruzamento com outras tipologias como, por exemplo, científico/não científico;

c) subtipos de injuntivos foram elencados quando introduzimos o tipo e exemplificamos: receitas, ordens, manuais, orientações de comportamento, etc.

Na verdade alguns subtipos de injunção são caracterizados e distinguidos:

a) pelo ato de fala que realizam;

b) pela formação imaginária em termos de hierarquia;

c) quem é o beneficiado pela ação executada ou por sua ocorrência;

d) pelo responsável pela realização da situação;

e) pelo grau de polidez.

É o que acontece com a distinção entre Conselho, Pedido, Ordem, Prescrição, Opção, conforme evidencia o quadro abaixo:

	Ato de fala	Formação imaginária em termos de hierarquia	Beneficiado	Responsável pela realização da situação	Grau de polidez
Conselho	Diz qual/como é o melhor fazer	Locutor considera-se com maior experiência que o alocutário	Alocutário	Alocutário	+ Polidez
Pedido	Solicita a realização de uma situação	Locutor se vê como igual ou inferior ao alocutário na organização social	Locutor	Alocutário	+ Polidez
Ordem	Determina um fazer	Locutor considera-se como superior ao alocutário na organização social	Locutor ou Alocutário	Alocutário	- Polidez
Prescrição	Ensina fazer ou determina uma forma de fazer	Locutor considera-se com maior saber que o alocutário	Alocutário	Alocutário	Neutro
Opção	Deseja a realização de uma situação	Locutor se vê sem possibilidade e de determinar a realização da situação	Locutor ou Alocutário ou ambos	Nem alocutário, nem locutor	+ - Polidez (conforme o que deseja para quem)

4) Segunda tipologia: Discurso da transformação e discurso da cumplicidade

Pela antecipação (que é o modo como os interlocutores representam as imagens que o outro faz de si, de seu interlocutor, do assunto, da situação, etc.) o enunciador/"locutor experimenta o lugar de seu ouvinte a partir de seu próprio lugar" (ORLANDI-1987:126 e ss.). Para Orlandi o locutor, neste caso, pode ter duas imagens básicas do alocutário: ou este concorda ou não concorda com o locutor, ou é seu cúmplice ou seu adversário. Dessa forma são estabelecidas duas formas de interação que caracterizam dois tipos de discurso:

a) o **discurso da transformação** no qual o locutor vê o alocutário como não concordando com ele (seu adversário), então assume uma posição de transformar o alocutário em seu cúmplice, buscando influenciar, inculcar, persuadir, convencer o interlocutor, fazendo-o crer em algo ou fazendo-o realizar algo ou agir de um certo modo. Portanto "procura levar o alocutário a aderir ao seu discurso"(GUIMARÃES-1986).

Este tipo de discurso resulta no tipo de texto que tem sido chamado de "**argumentativo stricto sensu**"⁴⁷. Neste tipo de texto a argumentação (a atitude de convencer e persuadir, de fazer crer ou fazer) se apresenta explicitamente;

b) o **discurso da cumplicidade**, em que o locutor vê o alocutário como concordando com ele, como adepto do seu discurso e assume a posição de cúmplice que identifica o locutor ao alocutário.

Este tipo de discurso resulta no tipo de texto que chamamos de **não argumentativo (strico sensu)**.

Separamos os textos argumentativos da primeira tipologia, onde muitos estudiosos os colocam, porque, na primeira, o modo de enunciação se define pelas perspectivas em que o locutor/enunciador se coloca em termos de tempo e espaço por um lado e em termos do fazer (e/ou acontecer) ou do conhecer por outro lado em relação ao objeto do dizer; enquanto, na segunda, o modo de enunciação se caracteriza pela antecipação que o mesmo locutor/enunciador faz em termos da concordância ou discordância, da adesão ou não do alocutário ao seu discurso. Além disso observa-se que a argumentação "stricto sensu" é feita através de descrições, dissertações, injunções e narrações.

47- Todo texto é argumentativo no sentido lato de buscar atingir um objetivo, uma intenção comunicativa, tendo, pois, uma direção argumentativa.

5) Terceira tipologia: Textos preditivos e não preditivos

Os textos preditivos são sempre descrições, dissertações ou narrações futuras em que o locutor enunciador está fazendo uma antecipação no seu dizer, esta pré-dizendo. Por esta razão achamos que não pode ser colocado junto com estes tipos na primeira tipologia como o fizeram KOCH e FAVERO (1987), pois como os preditivos seriam distinguíveis daqueles? A predição, enquanto tipo, se caracteriza por ser antecipação, pelo dizer, de situações cuja realização terá ocorrência posterior ao tempo da enunciação, sendo, pois, uma previsão, um anúncio antecipado.

Daí as formas verbais terem sempre valor prospectivo, de futuro, embora nem sempre o futuro seja marca de predição como no caso dos textos injuntivos, porque nestes há uma determinação de realizar a situação, incompatível com a antecipação, mesmo que virtual, que a predição faz da realização da situação.

A predição pode ser feita:

- a) por meio de uma programação;
- b) por meio de um cálculo científico, como nos boletins meteorológicos (choverá amanhã em todo o Brasil), astronômicos (em maio Sírius estará em..., em 25/12 ocorrerá um eclipse lunar) e outros (em janeiro a sonda Galileu chegará a Plutão);
- c) por meio de uma espécie de adivinhação ou revelação, como nas profecias e predições de cartomantes, ledores de sorte, jogadores de búzios etc.;

d) através de outros meios (como a imaginação) que possibilitem tal antecipação

Exemplo: Minha filha terá olhos verdes como o pai, será calma como o avô, terá cabelos como os meus, estudará muito, será muito culta, ajudará muito as pessoas, porque eu a educarei dentro dos princípios do Evangelho.

Certos tipos de textos normalmente são preditivos ou contêm partes preditivas. É o caso de horóscopos, profecias, boletins meteorológicos e astronômicos, previsões em geral, textos sobre atividades e acontecimentos programados.

Conclusão

Todos estes elementos servem ao professor para:

a) programar e controlar seu trabalho em termos de não se ater só a alguns tipos de textos esquecendo os demais;

b) não se apegar a apenas algumas características, muitas vezes periféricas dos tipos, quando:

b.1- programa suas atividades de sala de aula para trabalhar diferentes tipos de textos e características dos mesmos;

b.2- orienta seus alunos a partir da análise dos textos produzidos pelos mesmos, mostrando-lhes o que está bem ou não no texto que produziu em termos de sua adequação enquanto tipo a um propósito e de sua adequação ou não ao que o culturalmente estabelecido exige para que se tenha um texto de um tipo, enquanto superestrutura e características da superfície lingüística que realizam as propriedades dos texto. Assim com relação ao texto abaixo, por exemplo, o professor terá que levar o produtor do mesmo (que é um aluno) a perceber que não tem propriamente uma história (narração), porque ficou apenas na apresentação do personagem, o que constitui a parte da superestrutura de uma narrativa chamada de "orientação", e não fez a trama, constituída pela "complicação" e "resolução", que são categorias obrigatórias para a existência de uma narrativa tipo história.

Uma História

Era uma vez um homem que virafa lobizome ma noite e loa cheia na coresma. Ele dinoide meia noite ia no chiqueiro e la sirava no lobizome.

(Aluno: C.A.P. 16 anos 22/03/1990.)

c) lembrar que, se pretendemos preparar nossos alunos para a vida dentro de nossa sociedade e de nossa cultura, temos de desenvolver sua capacidade de produzir e compreender textos para as diferentes situações de interação comunicativa o que implica ensinar a produzir e compreender diferentes tipos de textos;

d) dar maior sistematicidade ao seu trabalho com produção de textos.

SILVA (1995) (Jane Quintiliano Guimarães Silva), em sua dissertação de mestrado **Tipologias textuais e a produção de textos na escola**, para escolas de Minas Gerais, observou:

a) que os professores de Português não têm feito qualquer trabalho sistemático e explícito com os tipos textuais, mostrando suas características e adequação comunicacional;

b) que os professores de Português não têm procurado nem mesmo expor o aluno a uma variedade de tipos que ele encontra e necessita conhecer (produzir e compreender) em sua vida na nossa sociedade e cultura;

c) e que apesar disso os alunos são capazes de separar e agrupar textos de tipos básicos e levantar características que fazem deles textos de um tipo em contraposição a outros; e propõe que isto ocorre dada a importância dos tipos textuais dentro de nossa vida e à "exposição" dos alunos aos mesmos nas suas atividades fora da escola que, assim, os aprende culturalmente como vimos ao falar das superestruturas.

Estas constatações podem levar professores a duas posturas:

a) a primeira de dizer que, já que o aluno aprende as tipologias naturalmente no convívio sócio-cultural, não é preciso trabalhar os tipos dentro de sala de aula;

b) a segunda seria a de tomar isto como uma evidência da importância dos tipos para a competência comunicativa das pessoas e oportunizar ao aluno um aprendizado dos tipos que lhe possibilite:

b.1- aprender e utilizar (produzir/compreender) tipos com os quais tem pouco ou nenhum contato em seu meio e em sua vida de criança e adolescente, mas com os quais certamente se confrontará em situações futuras de sua existência, e os quais precisará compreender e produzir;

b.2- aperfeiçoar seu "conhecimento" e habilidade de utilização (produção e compreensão) competente dos tipos com os quais já teve e tem contato em sua vida sócio-cultural, mas dos quais tem, quase sempre, uma visão apenas parcial;

b.3- a aquisição mais sistemática, ampla e rápida de recursos da língua em termos de tipos textuais de que ele precisará para ser um usuário (produtor: falante/escritor// receptor: ouvinte/leitor) competente da língua.

Parece-me que a segunda atitude é a mais pertinente e coerente dentro de uma opção de ensino que se preocupa em preparar o aluno para a vida possibilitando-lhe o desenvolvimento da competência comunicativa o que, em última instância, significa dar-lhe os meios para

agir pela linguagem dentro da sociedade, sendo capaz de se mover dentro das mais diferentes situações de interação comunicativa, produzindo os efeitos de sentido que deseja para a consecução de seus objetivos.

Finalmente gostaria de dizer que, a meu ver, o que o que apresentamos constitui a base lingüística para um trabalho sistemático e com base científica de ensino/aprendizagem de produção, e mesmo de compreensão, de textos de diferentes tipos. Espero que concordem comigo e vejam no exposto uma contribuição efetiva para o trabalho em sala de aula.

Referências bibliográficas

- KOCH, Ingedore G. Villaça e FÁVERO, Leonor Lopes (1987). "Contribuição a uma tipologia textual" in **Letras & Letras** Vol. 3 nº 1. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1987: 3-10.
- GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira(1986). "Polifonia e tipologia textual" in FÁVERO, Leonor Lopes e PASCHOAL, Mara S.Z. (orgs.) **Lingüística textual: texto e leitura**. São Paulo: EDUC - Editora da PUC-SP, 1986:1986: 75-87 (Série Cadernos PUC, 22).
- ORLANDI, Eni Pulcinelli(1987). **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli (1988). "Une confrontation dans le langage" in **Langage et société** nº 46. Paris: Maison des Sciences de L'Homme, décembre/1988: 45-66.
- SILVA, Jane Quintiliano Guimarães (1995). **Tipologias textuais e a produção de textos na escola**. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado, FAE/UFMG. 262 + 60 pp.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1981). **O aspecto verbal no Português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia, MG: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 3ª ed.: 1994.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1991). **Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil**. Campinas: IEL/UNICAMP, Tese de doutorado, 1991. 330 + 124